

# NASCIDAS NO TEMPO DA MALDADE: A VIOLENCIA CONTRA CRIANÇAS RETRATADA NOS CONTOS DE PERRAULT, IRMÃOS GRIMM E ANDERSEN

## BORN IN THE TIME OF EVIL: VIOLENCE AGAINST CHILDREN PORTRAYED IN THE TALES OF PERRAULT, IRMÃOS GRIMM AND ANDERSEN

Carla Melo de Vasconcelos<sup>1</sup>  
Emanuelly Miranda Rodrigues<sup>2</sup>  
Ludimila dos Santos Silva<sup>3</sup>

### RESUMO

Esta pesquisa teve o objetivo de analisar historicamente a violência contra crianças retratada nos contos *O Pequeno Polegar*, de Perrault, *João e Maria*, dos irmãos Grimm, e *A Pequena Vendedora de Fósforos*, de Andersen. Para tanto, o presente estudo dispôs da pesquisa bibliográfica como técnica de coleta de dados. Estes encontram-se dispostos em obras literárias, obras de divulgação e artigos de periódicos científicos. O primeiro grupo é constituído por Andersen (2012), Grimm & Grimm (2020) e Perrault (2017); o segundo por Ariès (1986), Coelho (1985; 2000), Coelho, Lindner & Silva (2014), Darnton (1988), Minayo (2006), Müller (2007) e Tatar (2003); e o terceiro por Hermida (2020) e Reis (2005). Os últimos dois grupos constituem, ainda, o nosso referencial de base. Os resultados da pesquisa destacam o abandono, o infanticídio, os castigos físicos e o trabalho infantil, vistos em *O Pequeno Polegar*, *João e Maria* e *A Pequena Vendedora de Fósforos*, como formas de violência sofridas por crianças nascidas na Europa no período de publicação dos contos, o que decorreu entre os séculos XVII e XIX. Tal catalogação possibilitou a conclusão de que a violência infantil retratada nos contos, apesar de ter sofrido amenizações em decorrência da propagação do sentimento da infância a partir do século XVIII, fazia-se presente, especialmente, nas infâncias reais das classes inferiores da sociedade europeia dos séculos XVII, XVIII e XIX.

**Palavras-chave:** contos de fadas, violência infantil, literatura infantil, história.

### ABSTRACT

<sup>1</sup> Graduada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestra em Linguagens e Saberes na Amazônia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: [carlamelovasconcelos@gmail.com](mailto:carlamelovasconcelos@gmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5956535224559775>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3439-9235>.

<sup>2</sup> Graduada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). E-mail: [mirandamanu399@gmail.com](mailto:mirandamanu399@gmail.com). Lattes: [https://lattes.cnpq.br/1579573457366071](http://lattes.cnpq.br/1579573457366071). Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-4408-3952>.

<sup>3</sup> Graduada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Com Especialização em andamento em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: [ludimilasantos160402@gmail.com](mailto:ludimilasantos160402@gmail.com). Lattes: [https://lattes.cnpq.br/6189259151839696](http://lattes.cnpq.br/6189259151839696). Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-3690-8778>.

The aim of this research was to historically analyze the violence against children portrayed in the tales The Little Thumb by Perrault, John and Mary by the Brothers Grimm and The Little Matchmaker by Andersen. To this end, this study used bibliographical research as a data collection technique. The data is gathered from literary works, publicity works and articles in scientific journals. The first group is made up of Andersen (2012), Grimm & Grimm (2020) and Perrault (2017); the second by Ariès (1986), Coelho (1985; 2000), Coelho, Lindner & Silva (2014), Darnton (1988), Minayo (2006), Müller (2007) and Tatar (2003); and the third by Hermida (2020) and Reis (2005). The last two groups also constitute our basic reference. The results of the research highlight abandonment, infanticide, physical punishment and child labor, as seen in The Little Thumb, John and Mary and The Little Matchmaker, as forms of violence suffered by children born in Europe at the time the tales were published, between the 17th and 19th centuries. This cataloguing made it possible to conclude that the child violence portrayed in the tales, despite having been softened as a result of the spread of the feeling of childhood from the 18th century onwards, was especially present in the real childhoods of the lower classes of European society in the 17th, 18th and 19th centuries.

**Keywords:** fairy tales, childhood violence, children's literature, history.

## 1 Era uma vez...

Ao entrarmos em contato com os contos clássicos de Perrault, irmãos Grimm e Andersen<sup>4</sup>, percebemos que, apesar de toda a magia ali permeada, há a disseminação de tópicos bastante sensíveis, que vêm sendo amenizados por novas versões ou adaptações e até mesmo em obras de cinema ou televisão (como fez Walt Disney em *A Branca de Neve e os sete anões* e *A Pequena Sereia*).

As amenizações de tópicos obscuros, longe de estarem exprimindo alterações aleatórias, acabam por demonstrar uma certa remodelação narrativa, a qual já vinha ocorrendo até mesmo entre os próprios autores do cânone. Chapeuzinho Vermelho, por exemplo, foi um conto publicado tanto por Perrault, no século XVII, quanto pelos Grimm, no século XIX. Na versão do primeiro, o lobo devora a vovó e a Chapeuzinho, e não há ninguém que possa livrá-las do destino cruel; já na versão dos Grimm, a vovó e a Chapeuzinho conseguem escapar da barriga do lobo por meio da ajuda de um caçador e, dessa forma, a história termina com um final feliz (Coelho, 1985)<sup>5</sup>.

<sup>4</sup> Cf. Perrault (2015), Grimm & Grimm (2020) e Andersen (2012).

<sup>5</sup> Darnton (1988) infere que a alteração feita nessa narrativa não foi um ato próprio dos Grimm, e sim de sua vizinha Jeannette Hassenpflug, indicada como fonte de algumas histórias recolhidas pelos irmãos.

Essa mudança de atmosfera nas narrativas, exemplificada pelas versões de *Chapeuzinho Vermelho*, é resultado de transformações vividas pela sociedade à medida que decorrem, especialmente, os séculos XVIII e XIX. Dentre elas, destacamos o cuidado mais expressivo com a mentalidade da criança e com o que ela lê. Coelho (1985, p. 111), citando Soriano (1975), diz, a respeito do livro *Contos de Fadas para Crianças e Adultos*, de autoria dos Grimm, que “um conto em que dois irmãos brincam de se estrangularem [...] foi retirado da edição completa de 1819, bem como foram suprimidos certos ‘traços de outros contos que poderiam chocar a consciência das crianças’”.

Entretanto, por mais que o grau de hostilidade pudesse variar entre essas narrativas, a violência configurou-se como uma característica marcante nos contos infantis publicados entre os séculos XVII e XIX. Ao passo que isso é percebido, é quase instantâneo o estranhamento sempre que rememoramos seu público-alvo: as crianças. Dentro os mais diversos tipos de violência presente nesses contos, a que nos interessa nesta pesquisa é a violência (física ou simbólica) que ataca justamente aquele grupo ao qual as narrativas se destinam. Estamos falando, notoriamente, da violência infantil.

Detendo-nos sobre isso, trazemos o seguinte questionamento: por que a violência contra crianças é uma regularidade dentro dos contos infantis publicados entre os séculos XVII e XIX? Para tal questionamento, levantamos a hipótese de que a violência contra crianças contida nas narrativas não era vista como problemática e poderia ser até natural para o período em que foram publicadas, hipótese essa que buscará sua confirmação por meio de embasamento histórico e histórico-literário.

Desse modo, esta pesquisa, classificada como bibliográfica por se desenvolver “com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (Gil, 2002, p. 44), desencadeou-se com o objetivo geral de analisar historicamente a violência contra crianças retratada nos contos *O Pequeno Polegar*, de Perrault, *João e Maria*, dos irmãos Grimm, e *A Pequena Vendedora de Fósforos*, de Andersen. O primeiro conto foi publicado em 1697 (séc. XVII), o segundo em 1812 (séc. XIX) e o terceiro em 1845 (séc. XIX)<sup>6</sup>, correspondendo às nacionalidades francesa, alemã e dinamarquesa respectivamente.

<sup>6</sup> Apesar dos contos não estarem dispostos precisamente nos séculos XVII, XVIII e XIX, levamos em consideração que Perrault e irmãos Grimm publicaram seus contos em períodos transicionais.

A fim de abranger o “desdobramento das ações que serão necessárias à realização do objetivo geral” (Minayo, 2007, p. 45), definimos os objetivos específicos deste trabalho, que, a saber, buscam relacionar cada conto ao seu contexto de publicação, identificar as infâncias dos contos e as infâncias de suas épocas de publicação e evidenciar a violência infantil em contexto literário e em contexto de publicação.

Como dito anteriormente, o contato com os contos clássicos possibilitou-nos a observação da disseminação de tópicos bastante sensíveis, os quais vêm sendo amenizados ou ocultados por adaptações literárias e cinematográficas/televisas. Foram justamente essas informações amenizadas/ocultadas que nos permitiram observar que os contos aqui utilizados nos transmitem significados opacos (Darnton, 1988), e, ao delimitarmos esta pesquisa em torno da violência infantil dentro de contos destinados justamente às crianças, pretendemos contribuir para o conhecimento de visões de mundo diferentes a respeito da infância, além de contribuir para o delineamento de futuras pesquisas de viés histórico e histórico-literário a partir de contos de fadas.

Para tanto, foquemos, enfim, no aspecto organizacional deste trabalho, que, nesta seção introdutória, denominada “Era uma vez...”, expõe o assunto da pesquisa, seu questionamento, hipótese, tipologia de pesquisa, objetivos e motivação.

A seção seguinte é designada “Panorama Histórico dos Contos Clássicos da Literatura Infantil” e abarca a subseção denominada “A representação da violência nos contos clássicos”. Nessa seção, desenvolveremos a base teórica de viés histórico e histórica-literária que sustenta este estudo.

A seção de análise, iniciada pelo título “A criança ‘O Pequeno Polegar’” e seguida pelos títulos “As crianças ‘João e Maria’” e “A criança ‘A Pequena Vendedora de Fósforos’”, centra-se na análise histórica da violência infantil a partir das situações vivenciadas pelas personagens infantis do conto *O Pequeno Polegar*, *João e Maria* e *A Pequena Vendedora de Fósforos*.

Na seção de considerações finais, denominada “Viveram felizes para sempre?”, retomaremos os pontos centrais deste estudo a fim de conversarmos com os objetivos, questionamento e hipótese apresentados. Em sequência, dispõem-se as referências.

## 2 Panorama histórico dos contos clássicos da Literatura Infantil

É na Idade Média (séc. V ao XV) que começa a se estruturar e circular o repertório de narrativas europeias que, mais tarde, viria a ser compilado por autores como Perrault e irmãos Grimm. Tal repertório é composto por um amálgama de fontes. Uma das principais é a oriental, da qual podemos citar a coletânea de narrativas indianas *Calila e Dimna*, que foi uma das mais influentes na constituição do folclore europeu. Essa coletânea data do séc. V antes de Cristo e adentrou no ocidente europeu por meio de traduções (Coelho, 1985). Dividindo espaço com essa fonte, temos a produção da Antiguidade Clássica. Para exemplificá-la, podemos mencionar as fábulas de Esopo, que supostamente viveu no século VI a.C., sendo contemporâneo do Panchatantra<sup>7</sup>.

Há, ainda, fontes advindas do próprio período da Idade Média, as quais iriam servir de base para a criação das novelas de cavalaria medievais. Dentre elas, podemos citar as histórias francesas a respeito de Carlos Magno, o qual teria sido imperador dos francos no séc. IX, e as lendas céltico-bretãs relacionadas à figura do Rei Arthur, que teria governado a Grã-Bretanha no séc. VI (Coelho, 1985).

Tais fontes estão nas origens das narrativas europeias, cuja circulação se dá, principalmente, por meio do costume de contar histórias oralmente. E é entre os séculos IX e X que começa a circulação desse folclore europeu que, mais tarde, viria a ser compilado e consagrado como narrativas para a infância.

Antes dessa recolha e consagração, as histórias perpetuavam-se entre todos, o que significa dizer que não havia um direcionamento especial às crianças, visto que, na Idade Média, as crianças não eram vistas como seres que precisavam de uma diferenciação dos adultos, elas eram apenas adultos em um tamanho reduzido (Ariès, 1986). Como consequência disso, não poderíamos esperar que as crianças tivessem uma literatura própria para lazer e/ou educação. A literatura que seria considerada infantil estava enraizada na cultura do povo e só mais tarde começou a ganhar o status de literatura para a infância, seja pela linguagem e estrutura simples, seja pela simbologia que atribuíam a elas, seja pela moralidade ou, simplesmente, pela arbitrariedade.

É com o início dos Tempos Modernos e fim da Idade Média que começa o processo de transformação dessa literatura popular em literatura infantil. Os Tempos

---

<sup>7</sup> Livro no qual estariam contidos textos de Calila e Dimna (Coelho, 1985).

Moderno chegam e trazem a divisão que ficou conhecida como Era Clássica (séc. XVI – XVIII) e Era Romântica (séc. XIX – anos iniciais do séc. XX). A Era Clássica é a responsável por iniciar o estabelecimento dos contos de fadas enquanto Literatura Infantil. Tal momento histórico é marcado pelo Renascimento, movimento que eleva a razão e coloca o homem no centro (antropocentrismo), pelas concepções humanistas (no sentido de valorizar o conhecimento como formador do ser humano) e pela inspiração na Antiguidade Grega e Romana (pois era tida como sinônimo de perfeição e rigor).

Tendo isso em vista, para entendermos como narrativas regadas à magia começaram a se estabelecer como literatura em um momento racionalista, temos que levar em consideração que os textos que ficaram consagrados como contos infantis são reflexos de uma época, o que não significa dizer que os escritos de um determinado tempo concordam com os acontecimentos, regras e moral dele.

Perrault, por exemplo, foi um dos autores que não se mostravam condizentes com sua época. O escritor viveu durante o séc. XVII e participou da “Querela dos Antigos e dos Modernos”, que teria sido uma espécie de briga entre os intelectuais que valorizavam os preceitos da Antiguidade Clássica e os intelectuais que valorizavam os aspectos de sua própria cultura<sup>8</sup>. Perrault ficou ao lado destes últimos e buscou demonstrar a superioridade do seu grupo por meio do folclore francês. No entanto, não visou destinar, de início, as suas compilações às crianças; na verdade, seu ato foi uma forma de afronta ao momento histórico vivenciado e uma espécie de validação da cultura. Só é a partir de 1694 que Perrault vai se mostrar verdadeiramente preocupado em dedicar suas transcrições às crianças, realizando sua consagração no ano de 1697 quando publica a coletânea de contos denominada *Histoires ou contes du temps passé, avec les moralités – Contes de ma mère l'Oye*, considerada, hoje, um clássico da Literatura Infantil.

Se, na Era Clássica, temos uma oposição dos contos de fadas ao que é seguido na época, na Era Romântica, temos uma busca pelo folclore que é totalmente condizente com o contexto. Uma das marcas da Era Romântica é justamente a tentativa de encontrar (ou reencontrar) a identidade nacional a fim de demonstrar superioridade étnica. É o que acontece, por exemplo, na Alemanha do séc. XIX, momento em que o

<sup>8</sup> Referimo-nos à valorização daqueles “que, a partir da Idade Média, haviam criado as literaturas novas da França, Itália, Espanha, Portugal etc.” (Coelho, 1985, p. 66).

Romantismo demonstra o seu auge. As invasões de Napoleão Bonaparte no país estimulam os estudos de filólogos e folcloristas alemãs, dentre os quais destacamos Jacob e Wilhelm Grimm. Estes foram bastante influenciados pelo nacionalismo e saudosismo romântico. Dessa forma, buscaram afirmar esses aspectos por meio do folclore alemão, isso porque em meio ao “movimento nacionalista popular [...], os Grimm perscrutam o passado heróico e redescobrem também a pureza das fontes literárias populares” (Coelho, 1985, p. 111).

Além do engajamento em relação à identidade do país, os Grimm estavam engajados em relação a um outro aspecto de sua época: o cuidado com a criança. É esse cuidado que faz os autores suavizarem ou repensarem certas publicações. Assim, mergulhando pesquisas e obras nas ondas “renovadoras da época, de um lado, o culto das tradições populares, e, do outro, uma nova preocupação com a criança, os irmãos Grimm deram a ambas o melhor de seus esforços e entusiasmo” (Coelho, 1985, p. 111).

Ainda no séc. XIX, mas vinte anos após os empreendimentos dos Grimm, surge o dinamarquês Andersen, que já nasce respirando “a atmosfera de exaltação nacionalista” (Coelho, 1985, p. 117). Porém, em seus contos, nos de sua própria autoria especialmente, há algumas mudanças em relação aos seus precursores. O que antes era uma volta ao passado a fim de valorizar os aspectos étnicos, torna-se um olhar para o tempo presente com a intenção de perpetuar os novos valores daquele tempo. Lembremos que, naquele momento, havia uma “Sociedade Patriarcal, Liberal, Cristã, Burguesa que então se consolidava” (Coelho, 1985, p. 119), e Andersen, apesar de ter vindo de uma classe social inferior e ter tido “a oportunidade de conhecer os contrastes da abundância organizada ao lado da miséria sem horizontes” (Coelho, 1985, p. 118), haveria de ser influenciado pelos valores da época, o que o fez encarar sua vida e problemas da sociedade por meio de uma ótica que pregava a fé, a resignação e a paciência. Dessa forma, suas obras colocavam lado a lado o aspecto maravilhoso e a realidade então vivida.

Assim, é possível encontrar a crueldade tanto nos contos de Perrault e dos Grimm como nos de Andersen. As obras de Perrault e dos Grimm apresentavam um reflexo da violência de quando suas fontes circulavam, uma brutalidade que ainda não era tão incomum no momento da recolha dos contos, não a ponto de ser totalmente

revista; as obras de autoria do próprio Andersen mostravam o reflexo da violência decorrente da nova forma de organização social, a qual foi se construindo a partir das revoluções, industrialização, formação de novas classes sociais (burguesia e proletariado), migração da população do campo para os grandes centros urbanos etc. Uma nova forma de viver iria ocasionar novos tipos de violência, pois esta apenas se transforma com o passar do tempo, conforme comenta Coelho (1985):

Na aurora dos tempos, era a violência da natureza à solta e dos animais monstruosos, contra os quais o homem não tinha defesa. Depois, as ameaças, perigos e violências foram mudando de feição. Umas desapareciam, mas eram imediatamente substituídas por outras, e ameaças ou agressões de toda espécie continuam fazendo parte essencial da vida humana, incitando os homens à luta para sobreviverem (Coelho, 1985, p. 121).

Desse modo, a literatura infantil, mais especificamente, a forma simples<sup>9</sup> que conhecemos como conto maravilhoso ou conto de fadas, estabelecia-se como uma forma de alegoria da realidade e, portanto, não deve ser ignorada enquanto reflexo dos valores morais e estéticos de um tempo e de uma sociedade.

## 2.1 A representação da violência nos contos clássicos

Podemos entender a violência como “parte intrínseca da vida social e resultante das relações, da comunicação e dos conflitos de poder” (Minayo, 2006, p. 15). Desse modo, percebemos que a violência está diretamente relacionada com o campo de vivência em que as pessoas estão inseridas, visto que o ser se constitui e constrói a partir de relações com o outro. Essas relações, por sua vez, são responsáveis por moldar um tempo e contexto, ditando o que seria problemático ou não para determinado período ou lugar.

Segundo Minayo (2006), o século XIX marca o início das discussões acerca da violência. A partir desse século, diversos são os estudos que questionam e buscam uma definição para o que ela seria. Há autores que firmam seus estudos na filosofia, sociologia, antropologia e história em busca de sanar as questões inerentes ao assunto, porém Minayo (2006) diz que é ineficaz buscar uma resposta categórica na filosofia ou

---

<sup>9</sup> Definição por Jolles (1930 *apud* Coelho, 2000)

na moral para responder aos problemas que a violência levanta. Por seu aspecto ontológico, ela não pode ser dissociada da condição humana e nem compreendida ou tratada sem considerar a sociedade que a origina, sua especificidade interna e sua particularidade histórica.

Partindo de tais concepções, podemos começar a entender o porquê de os traços violentos serem narrados com tanta naturalidade nos contos que serão analisados nas próximas seções desta pesquisa.

Como já mencionado, a violência passa a ser vista como tal somente a partir do século XIX, porém, nesta pesquisa, adentramos em períodos históricos em que possivelmente nem se pensava que as práticas violentas adotadas seriam pontos de discussões de diversos campos de estudo em decorrência de seu caráter sério e problemático. Dessa maneira, podemos notar que alguns tipos de violência, como, por exemplo, o abandono e a negligência familiar, só mais tarde seriam comprovados como atos que afetavam o físico e a mente dos pequenos. Antes disso, eram simplesmente práticas arraigadas a uma cultura já estabelecida há séculos.

Como consequência dessa discussão a respeito da violência, é possível dispor de conceituações que abram margem para uma melhor compreensão sobre os complexos padrões de violência que ocorrem no mundo. Coelho, Lindner & Silva (2014), ao utilizarem nomenclaturas adotadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), subdividem a violência em três grandes categorias: a violência coletiva<sup>10</sup>, a violência autoinfligida<sup>11</sup> e a violência interpessoal. É somente na terceira que podemos encontrar traços das problemáticas apontadas neste estudo, uma vez que nela estão contidas a violência infantil, familiar e até mesmo sexual que o grupo infantil enfrenta.

Por mais que nem sempre tivesse existido essas e outras nomenclaturas a respeito da violência, Minayo (2006) a descreve como uma questão atemporal, que éposta como

boa ou má, positiva ou negativa, segundo as forças históricas que a sustentam [...]. Exemplos estão aí, em pleno início do século XXI, [...] vários chefes de Estado continuam a justificar conflitos políticos e

<sup>10</sup> “A violência coletiva [...] inclui os atos violentos que acontecem nos âmbitos macrossociais, políticos e econômicos e caracterizam a dominação de grupos e do Estado” (Coelho; Lindner; Silva, 2014, p.13).

<sup>11</sup> “A violência autoinfligida [é] subdividida em comportamentos suicidas e os autoabusos” (Coelho; Lindner; Silva, 2014, p.13).

guerras no mundo em nome da civilização e da paz. Igualmente, pais e mães ainda hoje persistem em abusar física e emocionalmente dos filhos por tradicionais e seculares razões ditas pedagógicas. (Minayo, 2006, p. 23).

Hoje, assim como nos séculos recortados para esta pesquisa, ainda é observável grande carga de violência e, realizando a correlação da violência com os contos de fadas, podemos perceber que os romantizados problemas que as crianças protagonistas de um determinado conto enfrentam, nada mais são do que a dura representação da realidade dos pequenos, pois, “apesar dos ocasionais toques de fantasia, os contos permanecem enraizados no mundo real” (Darnton, 1988, p. 56).

Os questionamentos acerca da “beleza” que envolve a arte direcionada às crianças surgem quando percebemos que a tratamos como se fosse um mundo distante da realidade desse público, não só em relação ao onírico, o que é justificável, mas também em relação às problemáticas que as personagens (crianças) enfrentam para chegarem ao final feliz de sua história. O conto *Cinderela*, por exemplo, supostamente surgido na China, em 860 a. C., tendo versões tanto por Perrault quanto pelos Grimm, é um claro retrato desse fato, uma vez que traz traços de abandono e negligência familiar sofrida pela protagonista, ações praticadas tanto em tempos remotos quanto na atualidade. Assim sendo, a presença de atos violentos serviu não só para a construção da personagem *Cinderela*, mas para a construção da representação da infância de maneira geral.

Tal como a violência, os contos também se caracterizam pela atemporalidade, o que é explicitado por Darnton ao mencionar que coleções de “exempla” datadas entre os séculos XII e XV “referem-se às mesmas histórias que foram recolhidas nas cabanas dos camponeses pelos folcloristas do século XIX” (Darnton, 1988, p. 31), ou seja, antes dos registros do séc. XIX, as narrativas haviam circulado por 300 anos e, mesmo antes disso, elas já circulavam há séculos. Com isso, vemos que a questão do abandono e negligência familiar registrada em *Cinderela* pode ser usada para ilustrar os reflexos da violência nos contos, dada a existência extensa e paralela que ambos partilham.

Dessa maneira, o mundo real compartilha das mesmas problemáticas narradas nas tramas. Estas nos mostram, repetidas vezes, o retrato de uma infância “que a duras penas tenta romper com os estigmas aos quais vem sendo submetida ao longo dos anos”

(Reis, 2005, p. 1). Porém, a violência retratada nas narrativas maravilhosas acaba sendo esmagada pela chegada ao tão esperado “felizes para sempre”, fazendo crer que, no final, tudo ficará bem. Entretanto, ao fechar o livro, a história continua... a realidade continua.

### 3 A criança “O Pequeno Polegar”

O conto *O Pequeno Polegar* faz parte da coletânea intitulada *Contes de Ma Mère L’ Oye*, organizada por Perrault no século XVII. A história narra as artimanhas da personagem que dá nome ao conto. O Pequeno Polegar é o caçula de sete irmãos de uma família extremamente pobre, a qual acaba sendo afetada por uma onda de miséria que assolara a população, principalmente os camponeses. Por esse motivo, os pais das crianças decidem abandoná-las na floresta em duas tentativas. Na primeira tentativa, Pequeno Polegar demarca o caminho com pedras, o que possibilita a ele e seus irmãos a volta para casa; na segunda, Polegar não consegue o auxílio das pedrinhas e utiliza o pão que os pais lhe deram como última refeição para demarcar o percurso. No entanto, o menino não contava que os pedaços seriam comidos pelos pássaros, fazendo o caminho se perder. Na tentativa de voltar para casa, o pequeno e seus irmãos chegam ao castelo de um ogro comedor de criancinhas e passam por diversas provações que os beneficiam não só com a volta ao seu próprio lar, mas com a salvação da família da pobreza.

A narrativa nos mostra “uma linguagem clara, desembaraçada, direta, sabiamente ingênuas que agradava plenamente às crianças e aos adultos” (Coelho, 1985, p. 68). O texto nos apresenta apenas uma unidade dramática, a qual gira em torno do abandono das crianças, e nos apresenta uma estrutura linear, onde os eventos são organizados seguindo uma ordem cronológica: início, meio e fim. A ambientação varia entre a floresta, a casa dos pais e a casa do ogro, os quais se enquadram no que chamamos de espaço natural<sup>12</sup>, espaço social<sup>13</sup> e espaço trans-real<sup>14</sup> respectivamente. No que se refere às personagens, elas se enquadram no que Coelho (2000) chama de

<sup>12</sup> Espaço em que observamos “a natureza livre, o ambiente aberto, não modificado pelo trabalho do homem, pela civilização tecnológica” (Coelho, 2000, p. 77).

<sup>13</sup> Espaço em que encontramos “os elementos da natureza ou do ambiente modificados pela técnica, pelo trabalho de transformação do homem” (Coelho, 2000, p. 77).

<sup>14</sup> Espaço “criado pela imaginação do homem; espaço não-localizável no mundo real, tal como o conhecemos; espaço maravilhoso” (Coelho, 2000, p. 77).

personagem-tipo, caracterizada por estereótipos ou funções, e são direcionadas pela problemática social (pobreza/miséria) às ações em prol não só da sobrevivência, mas da conquista de bens materiais.

Outra característica pertinente no conto sob análise, é o fato de ele se enquadrar no que Saintyves (1923), após estudar as relações entre certos elementos simbólicos dos contos, dos costumes e das liturgias populares arcaicas, chama de contos de origem iniciática. Coelho aponta que tais contos

são de interpretação mais delicada e incerta. Lembra o pesquisador [Saintyves], que os cultos primitivos davam grande valor à iniciação, ou melhor, à formação sagrada do ser social. Iniciar, era preparar o indivíduo através de um ensinamento ou de um treinamento mágico-religioso, para desempenhar seus deveres e seu papel no grupo, clã ou tribo (Coelho, 1985, p.71).

A partir dessa perspectiva, o Pequeno Polegar, ao tomar para si uma responsabilidade que pertencia a um adulto (cuidado com ele próprio e com os irmãos), montar estratégias para se livrar do perigo constante de morte e, depois disso, ainda garantir a prosperidade de sua família, passa de criança a homem, não de forma literal, mas simbólica. Além do sofrimento do pequeno protagonista, outros elementos, que caracterizam os contos de origem iniciática, estão presentes na história analisada, como a presença do ogro e do próprio canibalismo praticado por ele, por exemplo.

A criança “O Pequeno Polegar”, por ser pobre, pequena e rejeitada, sofre os reflexos de uma sociedade extremamente excludente e acaba arcando com responsabilidades que não deveriam ser inerentes a ela, mas, ainda assim, consegue chegar a um “final feliz” e arcar com os pesos que ela toma para si para sobreviver.

Partindo para a reflexão sobre o significado histórico e social dessa criança, podemos perceber que ela representa os pensamentos dos camponeses franceses do Antigo Regime, pois narra “a subversão da ordem social, política e econômica em favor das classes populares” (Reis, 2005, p. 10). Interessante notarmos que “é na França, na segunda metade do século XVII, [...] que se manifesta abertamente a preocupação com uma literatura para crianças ou jovens” (Coelho, 1985, p. 56). Entretanto, por mais que já estivesse acontecendo, mesmo que parcialmente, uma certa preocupação com a literatura que, mais tarde, seria imortalizada por Perrault (e outros), na realidade

concreta, fora dos contos maravilhosos, a França passava por um período de intensa crise econômica. Crise esta que se assemelha a do conto, pois o motivo que leva os pais a abandonarem as crianças é a onda de miséria que chega ao campo. Sobre os camponeses do Antigo Regime, Darnton (1988) diz que suas experiências eram permeadas pela escassez de mantimentos essenciais à sobrevivência deles e dos filhos. Não havia condições básicas de higiene, nem tampouco espaços destinados à infância. O trabalho era repetitivo e hereditário, isto é, “o senhorialismo e a economia de subsistência mantinham os aldeões curvados sobre o solo, e as técnicas agrícolas primitivas não lhes davam qualquer oportunidade de se desencurvarem” (Darnton, 1988, p. 41).

A situação era um ciclo que não deixava de se repetir, em que as adversidades e a pobreza eram perpetuadas, tornando difícil manter as necessidades básicas próprias e da família. Consequentemente, muitos pais eram forçados a abandonar seus filhos ou colocá-los cedo no mundo de trabalho. Tais questões nortearam não só o destino do Pequeno Polegar no seu mundo fantasioso, mas também dos inúmeros outros pequenos que compunham a França naquele período histórico.

### 3.1 As crianças “João e Maria”

O conto *João e Maria*, protagonizado pelas crianças que o intitulam, foi um dos contos recolhidos do folclore alemão pelos irmãos Grimm. Nele, ocorre, praticamente, a mesma sequência de acontecimentos do conto analisado anteriormente, com certas alterações no que diz respeito às personagens. Na versão dos Grimm, pai e madrasta são os responsáveis pelas crianças, sendo a madrasta a principal incentivadora do abandono. Como ocorre em *O Pequeno Polegar*, os responsáveis tentam abandonar as crianças em duas tentativas, obtendo sucesso somente na segunda. João e Maria, buscando voltar ao seu lar, deparam-se com a casa de uma bruxa, que premeditava comê-los. As duas crianças, no entanto, conseguem enganar a bruxa e, além de se livrarem desta, usufruem de seus bens para livrar a família da miséria.

Assim como vimos no conto anterior, *João e Maria* nos apresenta uma estrutura simples (apenas um núcleo dramático), dispõe de uma ordem cronológica, suas personagens se encaixam no que é chamado de personagens-tipo e as ações se passam

nos espaços social (casa dos responsáveis), natural (floresta) e trans-real (casa da bruxa), espaços estes que oscilam entre as funções estética e pragmática.

Em *João e Maria*, conseguimos notar, ainda, a presença de alguns dos valores ideológicos comuns às obras dos Grimm, valores esses elencados por Coelho (1985). Comecemos por falar da demonstração dos valores humanistas (no sentido humanitário do termo), que, em *João e Maria*, é visto na preocupação com a alimentação das crianças. Há, também, a presença da “oscilação entre uma ética maniqueísta (nítida separação entre o Bem e o Mal; o Certo e o Errado) e uma ética relativista (o que parecia mau acaba se revelando bom, o que parecia errado resulta em algo certo...)” (Coelho, 1985, p. 116).

Nas ações das crianças, temos o valor ideológico da vitória da inteligência sobre a prepotência (Coelho, 1985). Observamos isso, por exemplo, quando João usa pedrinhas para marcar o caminho de casa (o que só não foi feito pela segunda vez devido a impossibilidade de recolher os seixos).

Por fim, o último valor ideológico que encontramos no conto é a dicotomia entre os mais velhos e os mais novos, dicotomia esta que mostra o poder dos antigos sendo vencido pelos representantes do futuro (as crianças) (Coelho, 1985).

Partimos, agora, da análise literária para a análise histórica. Como na análise anterior, teremos como foco a infância retratada no conto, para que, assim, consigamos evidenciar quem são as crianças “*João e Maria*” do século XIX.

Em tal século, temos o momento em que “a ordem clerical e aristocrática dá passagem à burguesia e à industrialização” (Müller, 2007, p. 61). A sociedade começa a se dividir mais precisamente em espaços. Há, especialmente, a separação entre o público e o privado, o que, nos séculos anteriores, não era algo tão delimitado, pois a casa e a rua não se distinguiam totalmente, uma era vista como continuação da outra (Ariès, 1986). Para ocupar o espaço privado, o sangue passa a ser o principal requisito, ou seja, a família como conhecemos hoje (mãe, pai e filhos) é o conjunto que passa a ser admitido dentro de uma casa, constituindo-se como a relação mais importante para a sociedade

Com a valorização da família, a criança, como consequência, passa a ser mais valorizada, pois ela agora era vista como centro da família. O filho começa a ser

enxergado como “o futuro, o soldado de amanhã, defensor da pátria, reproduutor da raça, cidadão de direitos e deveres na exitosa sociedade vindoura” (Müller, 2007, p. 65). E por ser a criança tão valorizada pela sociedade, ela já não é mais só responsabilidade dos pais.

Segundo Müller (2007, p. 64), “as crianças do século XIX pertencem às instituições. [...] A responsabilidade por seu cuidado, formação e controle está sob a instituição familiar, as instituições médicas, acadêmicas, religiosas e também da justiça”. Mas devemos pontuar que nem sempre essa responsabilidade era realmente partilhada entre a instituição familiar e as demais instituições, ou melhor, nem sempre os entes familiares desempenhavam seu papel no cuidado com a criança. Isso porque a família ideal que tentavam construir não era tão fácil de ser concretizada, e vamos observar que práticas de abandono e infanticídio ainda ocorriam com certa frequência no século XIX.

Conforme Müller (2007, p. 33), o infanticídio esteve presente nas civilizações muitos séculos antes de Cristo e “perdurou com intensidade na Europa durante a Idade Média e seguiu de forma mais moderada até o século XIX”. Os motivos que levavam a essa prática eram diversos. Deveriam morrer aquelas crianças tidas como imperfeitas, aquelas do sexo feminino, aquelas que estavam servindo de empecilho para novos casamentos, aquelas que estavam sendo um peso para os pais nos momentos de pobreza etc. (Müller, 2007). Havia casos em que a morte nem era realmente planejada, “mas [...] devido aos maus-tratos a criança resultava morta” (Müller, 2007, p. 36).

Os próprios pais eram colocados como os autores dos abandonos, maus-tratos e assassinatos contra crianças. A eles, juntava-se uma outra figura: a ama-de-leite. Esta se constituía como uma presença forte na vida (ou morte) das crianças. No século XIX, o costume de deixar bebês com as amas-de-leite em localidades distantes ainda não tinha sumido por completo, apesar de já haver o incentivo para que as mães amamentassem seus próprios filhos ou o incentivo para que as amas-de-leite permanecessem na casa da família da criança.

As amas-de-leite foram responsáveis por muitas mortes de infantes. Às vezes, “matavam as crianças com o consentimento das mães e inclusive por encargo das mesmas” (Müller, 2007, p. 36). Outras vezes, a morte da criança ocorria quando “os

pais das desafortunadas crianças ou seus parentes não podiam pagar ou não pagavam a pequena soma acostumada para seu mantimento” (DeMause, 1991 *apud* Müller, 2007, p. 35). Ou acontecia até mesmo por puro descuido das amas-de-leite, visto que “a criança confiada a uma ama-de-leite estava exposta a ser afogada, esmagada [ou] deixada cair” (DeMause, 1991 *apud* Müller, 2007, p. 37).

Todas essas informações a respeito da vida de uma parcela das crianças do século XIX nos mostram que as crianças “João e Maria” de tal período são justamente essas que, apesar de terem ganhado o status de centro da família, continuaram sendo assassinadas, abandonadas ou vítimas de maus-tratos por pessoas que deveriam ser o seu principal alicerce: pais, mães, parentes e amas-de-leite. A crueldade feita com João e Maria partiu de onde não se espera que parta, não se espera que parta na contemporaneidade e já não se esperava que partisse no século XIX. Tanto que os Grimm, numa aparente tentativa de suavizar a história, substituíram a mãe das crianças pela madrasta (Tatar, 2003), possivelmente para não atrelar à família ideal atos tão insensíveis, porque já não era isso que se esperava dela. Entretanto, mesmo que não fosse o esperado, acontecia. E isso nos mostra como pode ter sido relevante o cuidado desempenhado pelo Estado, Igreja e demais grupos interessados na infância naquela época, visto que poderia ser um dos poucos caminhos em direção à preservação da vida de crianças.

### 3.2 A criança “A Pequena Vendedora de Fósforos”

Publicado pela primeira vez em 1845 pelo escritor dinamarquês Hans Christian Andersen, o conto *A Pequena Vendedora de Fósforos* narra a história de uma menina que, para sobreviver à miséria em que vive, vende fósforos sob um frio congelante. Descalça e com fome, a pequena, pobre e solitária, perambula pela cidade tentando vender seus fósforos, sem sucesso. A noite cai e ela, com medo de voltar para casa, pois sabia que iria apanhar do seu pai por não ter conseguido vender nada, procura um lugar para se proteger do frio intenso. Sozinha, ela encontra conforto fugaz na luz dos fósforos e tem visões de uma realidade maravilhosa. Infelizmente, a protagonista tem um fim trágico, pois acaba morrendo de frio.

O conto, assim como os outros analisados anteriormente, possui uma estrutura simples e uma linguagem acessível às crianças e aos adultos. De estrutura linear e

apenas um núcleo dramático, a história apresenta personagens que transitam entre personagens-tipo e personagens-caráter<sup>15</sup> e um espaço que vai do social ao trans-real. As funções de espaço, por sua vez, revezam-se entre estética e pragmática.

Os contos de Andersen nos mostram uma certa predominância da vida comum, como é o caso do conto analisado nesta seção. Sem entrar ainda nas problemáticas referentes à criança, vemos que a história de *A Pequena Vendedora de Fósforos* se passa em um local comum (a rua), no qual se realiza um afazer comum (o trabalho). Mas, ainda assim, o conto não deixa de ser permeado de magia. Esta se apresenta na roupagem do maravilhoso cristão. Conseguimos observá-la mais nitidamente ao final da narrativa, quando “a salvação chega [...] na forma da intervenção divina” (Tatar, 2003, p. 315).

O conto carrega um caráter romântico e humanista, notadamente construído pela ludicidade e pelo desenvolvimento do maravilhoso em meio ao caos/dor. Traço que marca a escrita do autor, nos fazendo ver os valores humanos totalmente desprotegidos. Observamos isso no caso da protagonista do conto em questão, pois ela é exposta a diversas formas de violência, seja a do abandono familiar, seja a do abandono social, ou do próprio trabalho infantil ao qual é exposta. Mas, embora essa clara violência esteja presente, os traços do romantismo a camufla, visto que o autor nos faz notar essas problemáticas sociais por um viés emocional, fazendo com que os valores éticos e ideológicos, como a “valorização do indivíduo por suas qualidades intrínsecas e não por seus privilégios ou atributos exteriores” (Coelho, 1985, p. 119), seja evidentemente notado.

Feita a análise literária, partiremos para algumas questões que nortearam a noção de infância no século XIX com relação à violência, mais precisamente no que diz respeito ao trabalho infantil, uma vez que já temos análises históricas sobre a questão do abandono nos tópicos anteriores.

Em *A Pequena Vendedora de Fósforos*, o retrato da realidade então vigente nos dá uma ideia de como era que se desenvolvia a noção de infância, a qual era bem recente no período. No conto, a criança, em noite de véspera de Ano Novo, encontra-se

---

<sup>15</sup> Enquanto a personagem-tipo se caracteriza por expressar estereótipos, funções e estados, a personagem-caráter visa expressar valores e moralidades, sem que haja uma separação muito rígida entre essas duas categorias de personagens, conforme aponta Coelho (2000).

trabalhando, e o desenvolvimento da história nos exibe diversas formas de violência vigentes na época e que afetava diretamente a vida da criança. Essa era uma das situações que moldavam o cenário da infância no século XIX, pois, mesmo que já estivesse havendo um reconhecimento da infância como algo requerente a cuidados, as crianças ainda eram vistas como uma força de trabalho capaz de conseguir matéria para sua subsistência e de sua família. Segundo Hermida (2020), estudos e pesquisas da época evidenciam que dois a cada cinco trabalhadores eram menores de 18 anos, ou seja, em meados do século XIX, dois a cada cinco trabalhadores europeus eram crianças.

A todo modo, a literatura imortalizada por Andersen nos exibe uma realidade inerente aos olhos e vivências do autor em busca de matéria que mais tarde daria vida à sua arte que faz parte até hoje do imaginário não só infantil, mas popular de maneira geral. Andersen “escreveu essa história [*A Pequena Vendedora de Fósforos*] numa década de inquietação social e convulsão política” (Tatar, 2003, p. 315), e os traços desse dado momento marcam de forma significativa o meio de vivência e destino da criança “A Pequena Vendedora de Fósforos”, simbolicamente nos contos, mas principalmente na vida real, que possivelmente serviu de inspiração para dar vida ao conto.

#### **4 Viveram felizes para sempre?**

Na infância, nossos pais, avós, tios e professores nos apresentam um mundo lindo, um mundo onde tudo é possível e mágico: o mundo dos contos de fadas. Mais tarde, supostamente o apresentaremos para nossos filhos e depois estes irão apresentar para os deles e, assim, este mundo fará parte das futuras gerações assim como as histórias da Idade Média, por exemplo, fizeram-se presentes na Modernidade. Essas histórias, os contos aos quais nos referimos, ao serem compiladas ou criadas, trouxeram consigo uma carga de vivências de sociedades de um dado momento histórico no tempo. Logo, os traços carregados por essas narrativas marcaram não somente o texto propriamente dito, para além disso, eternizaram as recriações do imaginário popular e, também, as mazelas sociais que cercavam e afetavam diretamente as crianças daquele período.

Na busca pela compreensão da relação entre o maravilhoso mundo dos contos de fadas e a aterradora realidade de parcela da população infantil, notamos que, conforme o sentimento da infância foi surgindo, mudando e se espalhando (este último ato, efetivamente, a partir do séc. XVIII<sup>16</sup>), a literatura para crianças foi alterando-se. Observamos também que uma das características dos contos aqui estudados (e muitos outros) é ter um herói e um vilão. Aquele é posto à prova a todo momento, enquanto este é o responsável por aplicar as prendas. O primeiro, normalmente, é pequeno e frágil, comumente representado por uma criança; o segundo, na maioria das vezes, é grande e cruel, tendo como representação algum adulto, que pode ser pai, mãe, madrasta, ogro, bruxa e até mesmo algum adulto rico (como reis e burgueses, por exemplo). Levando em conta o último grupo, é interessante notarmos que, a depender da estrutura, organização e comandantes, a sociedade pode se tornar, também, um grande, forte e cruel vilão.

No que toca essa questão tão violenta dos pequenos versus os grandes dentro dos contos, passamos a ter um certo estranhamento na leitura ao pensarmos que são textos que eram (e ainda costumam ser) indicados para o público infantil, mesmo que, inicialmente, essa não fosse a intenção. Mas, por essas leituras chegarem às crianças, presumíamos que muitas situações nas histórias não eram irreais e nem incomuns para o momento vivido.

O abandono, por exemplo, registrado nos contos *O Pequeno Polegar* (séc. XVII) e *João e Maria* (séc. XIX), podia se constituir como um recurso para a sobrevivência infantil adotado pelas famílias. “O abandono era a solução que às vezes resultava a favor da conservação de suas vidas [vidas de crianças]” (Müller, 2007, p. 36), isso quando os pequenos eram destinados a casas de acolhida ou instituições semelhantes.

O trabalho infantil, por sua vez, analisado no conto *A Pequena Vendedora de Fósforos* (séc. XIX), também é uma característica que marca aquele momento histórico e que é parte das práticas que envolvia aquelas crianças claramente representadas na protagonista do conto que, por ser pobre, tinha de trabalhar para manter não só a si, mas a sua família. No século XIX, segundo Müller (2007), quanto mais pobre era a criança,

---

<sup>16</sup> Cf. Ariès (1986).

menos tempo ela tinha de infância. Esta terminava no momento em que a criança era encarregada de assegurar, de algum modo, sua sobrevivência e de sua família.

A partir dessa ótica, podemos perceber que haviam realidades distintas a depender do espaço social em que as crianças nasciam. Entretanto, representando a maioria e entregues à própria sorte, as crianças “O Pequeno Polegar”, “João e Maria” e “A Pequena Vendedora de Fósforos” nos trazem a representação do que era ser uma criança pobre na Europa dos séculos XVII ao XIX. Logo, a infância, retratada nos contos, era uma das principais vítimas das situações violentas decorridas no período, e a partir disso conseguimos entender o porquê de a violência contra crianças ser uma regularidade dentro dos contos infantis publicados entre os séculos XVII e XIX, o que nos fez corroborar a hipótese de que a violência contra crianças contida nas narrativas não era vista como problemática e era até natural para o período em que foram publicadas. As belezas inerentes a esse gênero literário que tanto nos encanta carregam consigo influências de momentos de dor e sofrimento para os pequenos.

Por trás de cada “era uma vez” existem enredos que compõe narrativas que nunca leremos. Nunca saberemos se os pequenos terão a astúcia do Pequeno Polegar ao ter em suas mãos a responsabilidade de salvar a si e a sua família da miséria. Não saberemos se conseguirão pensar com calma e agir com inteligência para derrotar uma bruxa má como fizeram João e Maria. Não poderemos saber se uma criança exposta ao frio cortante de uma linda noite de Ano Novo, com fome e medo, encontrará a paz eterna nos braços quentes da sua querida avó como A Pequena Vendedora de Fósforos. No fim, sempre seremos envolvidos pela dilacerante dúvida: viveram felizes para sempre?

## Referências

- ANDERSEN, Hans Christian. *Os contos de Hans Christian Andersen*. Portugal: [s.n.], 2012.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- COELHO, Elza; SILVA, Anne; LINDNER, Sheila. *Violência: definições e tipologias*. Florianópolis: UFSC, 2014.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil*: teoria – análise – didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil*. São Paulo: Ática, 1985.

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Trad. Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. *Contos de fadas dos irmãos Grimm*. Trad. Thalita Uba. Jandira, SP: Principis, 2020. E-book Kindle.

HERMIDA, Jorge. História Social da criança proletária: contribuição da obra de Friedrich Engels para a compreensão do tema. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas-SP, v.20, e020058, p.1-28, dezembro, 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). *Pesquisa social*: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Violência e saúde*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.

MÜLLER, Verônica Regina. *História de crianças e infâncias*: registros, narrativas e vida privada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PERRAULT, Charles. *Contos da mamãe gansa ou histórias do tempo antigo*. Trad. Leonardo Froés. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

REIS, Andréa Cardoso. Imagens históricas da infância refletidas nos contos populares. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11-12, jan/dez 2005.

TATAR, Maria (org). *Contos de fadas*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

Recebido em: 27/01/2025

Aceito em: 31/05/2025